REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 879

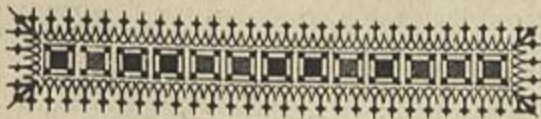
30 DE MAIO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO DR. VIRGILIO MACHADO

CHRONICA OCCIDENTAL

Politica! Politica!...

D'esta vez, anda n'ella mettida toda a gente, velhos e novos, ricos e pobres, homens de grandes barbas brancas sahidos das encolhas, veteranos retirados que mandam outra vez amollar as espadas. Accelerou-se o compasso e o final parece que deve ter a nota dos trez fff das symphonias ruidosas.

Pois antes assim. Deixem-se as tricas do campanario para as comedias ligeiras, visto haver coisa que mais importe.

A politica anda como o tempo, está de trovoada. Até de vez em quando, se ouve como um rumor longinquo, que é um boato de crise.

Mas já teem sido tantos, que não se vão acreditando. Ouvem-se então dialogos curtos.

— Não ouviste?

— O quê?

— Assim como um trovão ao longe?

— Não. Provavelmente era o sr. José de Azevedo a passar.

Por ora os relampagos na politica teem sido sómente de calor. Por ora...

Nem a chegada da Rainha, Sr.ª D. Amelia, que se apeou do sud-express em Lisboa, á meia noute de quinta para sexta feira, foi derivativo sufficiente. Muito povo esperando nas proximidades da estação, lá dentro a côrte em peso, e a Rainha n'uma alegria de se ver finalmente entre os seus e na sua terra.

A Rainha de Portugal sahiu de Paris ao meio dia de 26, formando alas a guarda republicana desde a entrada da estação até á escadaria conduzindo á gare, que estava toda ornamentada.

Foram despedir-se á estação, além de muitos portuguezes e de representantes da aristocracia franceza, o coronel Meaux de Saint Marc, representando o presidente da republica, o sr. Delcassé, ministro de negocios estrangeiros, o sr. Mollard, chefe do protocolo, o sr. De Roujoux, sub-chefe e o sr. Lépine, prefeito de policia.

A rainha foi muito acclamada, com muitos vivas ao subir para a carruagem.

Apesar de seu rigoroso incognito, as auctoridades hespanholas prestaram á Rainha de Portugal todas as considerações devidas.

Foi uma reticencia na politica. Logo a ella se voltou.

No conselho de ministros realisado ha dias, em casa do sr. Hintze Ribeiro tratou-se da prorogação das côrtes e de varios assumptos parlamentares, entre os quaes, como de maior importancia, o do tratado com a China cuja discussão dizia-se começaria na camara dos deputados.

Trovãosinho ao longe: diz-se que não passará na camara dos pares.

Em côrtes os assumptos de maior importancia foram a questão das carnes e o emprestimo. Houve paz e concordia. O sr. Conde de Burnay, que uma d'estas manhãs chegou de Paris, conferenciou, á tarde, com o sr. José Luciano, e, á noite, com o sr. Hintze.

A folha official já publicou os estatutos da nova companhia do Lobito.

Mas sobre tantos assumptos de tamanho interesse, os politicos occupam-se sobretudo do novo partido do sr. João Franco Castello Branco, recebido com descargas cerradas pelos rotativos e pelos republicanos. Entretanto os adeptos vão-se manisfestando e as listas vão-se enchendo.

São tudo symptomas d'um mal estar geral que, aqui ou além, já por vezes se teem manisfestado por maneira que mal lhe podem acudir palliativos de pharmacia de aldeia.

O caso que n'estes ultimos dias assumiu um caracter mais serio foi a manisfestação dos viticultores e a forma porque se dirigiram, em numero approximado de tres mil representantes, aos ministerios, para expôr suas queixas.

O sr. ministro da fazenda declarou, sendo sobre o assumpto interpellado na camara dos deputados, que o alcool estrangeiro não será importado com abaixamento de direitos senão quando o ministerio das obras publicas reconhecer que não

INSTITUTO MEDICO VIRGILIO MACHADO

existe no paiz aguardente nem alcool em regulares condições.

Os viticultores ao regressarem á sua terra victoriaram o Dr. Oliveira Feijão, que tão denodado se revelou em defeza da agricultura.

Bem o mereceu, que parece haver triumphado.

São guerras particulares durante a paz geral.

As viagens regias, que para esta paz, parecem dever ser condição essencial, não terminaram por emquanto.

Continua a falar-se na proxima vinda de El-rei de Italia a Lisboa, bem como que se anda tratando de desfazer difficuldades para uma proxima ida do sr. D. Carlos a Roma.

Diz-se tambem que a Rainha sr.ª D. Maria Pia acompanhará a uma estação d'aguas em Allemanha, sua cunhada, a Rainha Margarida, viuva do Rei Humberto.

Grandes viagens, cujas resultados politicos ficam sujeitos á discussão, banquetes, cujos brindes teem de ser submettidos ás chancellarias, nem sempre são os reis os que mais gosam n'esta vida, entre mil precalços, sujeitos ás melindrosas etiquetas.

Viagens, festa de amigos, commoções de invejar foram estas agora, dos antigos cursos de Coimbra, de ha vinte e trinta annos, e dos antigos alumnos da Casa Pia, que tambem n'este edificio se reuniram, homens feitos, quasi velhos, recordando alegrias e sonhos da mocidade.

Foram festas commovedoras, a que não faltou uma lagrima talvez. Olhar para um passado de trinta annos é alargar a vista por um campo de ciprestes.

Deixal-o! E' tão bom abraçar amigos! A's vezes, até a saudade é boa!

Guerra Junqueiro, pertencente ao curso que terminou sua formatura em 1873, foi recebido em Coimbra com extraordinarias ovações que lhe fez a actual academia.

Praticou ella um acto de justiça glorificando o grande poeta.

Um acto de justiça foi em Lisboa praticado na sessão de homenagem a Azevedo Coutinho realisada na Sociedade de Geographia, onde El-rei lhe entregou a medalha d'oiro por serviços distinctos nas colonias.

Dada a palavra ao capitão Ayres de Ornellas, encarregado do elogio do valente vencedor do Barué, narrou este os feitos de Azevedo Coutinho desde que, pela primeira vez, desembarcou no Ultramar até que victorioso voltou de sua ultima campanha.

Falou quem tinha auctoridade para fazel-o.

Terminado o discurso de Ayres de Ornellas, El-rei chamou á presidencia o heroico official, honra da marinha portugueza, a cujo alto valor d'aquella sessão solemne era prestada homenagem ncom palavras em que resumia sua consideração eelo honrado portuguez, fiel ás velhas tradições de gloria, entregou-lhe a medalha encerrada n'um estojo.

A ovação foi enorme e verdadeiramente de commover. Todos queriam abraçar João de Azevedo Coutinho, que recebeu innumeros telegrammas, cartas e bilhetes de felicitações.

CONDE DE ARNOSO

Na vespera e n'aquella mesma sala, lêra o Conde de Arnoso o elogio funebre d'um seu velho amigo, companheiro no paço, homem que bem mereceu as palavras em que o orador honrou sua memoria. Tratava-se ainda do Conde de Ficalho, vulto insubstituivel na sociedade portugueza.

Honraram-se mortos e vivos. Tratou-se dos bons com justiça.

E' isso mais agradavel do que tratar de justiça e de crimes; mas não deixaram agora os tribunaes de dar assumpto a chronistas.

Foi a herança Esteves Ribeiro; é o caso Alves Diniz que continua a despertar a curiosidade dos que são attrahidos pelos enredos misteriosos e romanticos.

É agora o julgamento do *Canario*, foi hontem a prisão do *Cidade*.

O caso da herança Esteves Ribeiro só deixou em socego a ré Aurelia Xavier, que foi absolvida pelo jury. Absolvido foi tambem o réo José Joaquim d'Oliveira, mas o juiz deu a decisão por iniqua.

Resta ainda para saciar curiosos o muito que promette enredar-se a tragedia do desgraçado official morto em Lourenço Marques, agora que as revelações publicadas no jornal *O Dia* vieram novamente sobre o assumpto chamar as attenções.

Um assassinato é sempre mais de commover que tranquibernias que se façam para roubar uma herança.

E assassinatos não tem faltado.

É ler a discripção do que foi a carreira de automoveis logo nas primeiras horas depois que sahiram de Paris.

Felizmente para alguns vivos que sobejaram, veio ordem de alto, enviada aos corredores pelos governos de França e de Hespanha.

Aquillo é, em paz, peor que uma guilhotina em tempos de revolução.

João da Camara.

O INSTITUTO MEDICO DO DOUTOR VIRGILIO MACHADO

O Professor Virgilio Machado, com uma tenacidade que é um singular phenomeno sporadico na indifferente atonicidade da vida mental portugueza, acaba de abrir o seu novo Instituto Medico, obra de meditado esforço, de nobre confiança e de legitimo orgulho.

Com a forte disciplina scientifica que uma applicação intellectual de todos os momentos radica n'uma consciencioso actividade profissional, com esse carinho e essa paixão que constituem os elementos primordiaes e essenciaes de toda a obra duradoira e séria, o Professor Virgilio Machado vem de longe assignalando a sua competencia em todos os assumptos onde uma fervente curiosidade possa alargar os dominios do conhecimento, e corollariamente, da applicação pratica, em materia de diagnostico e therapeutica, prendendo assim a historia do seu espirito ao trabalho incessante do pensamento europeu.

N'este paiz, onde a mutualidade das transigencias produz a mutualidade dos desastres, onde, na sceptica e tôrva escuridão, são tão raros os pharolins de esperança, quando uma vontade apparece, o nosso espirito, ao mesmo tempo que se commove e applaude, pasma da resistente audacia. Luctar com a indifferença, a ironia, a colera, e, *tranchons le mot*, a inveja, é duplicar o esforço, porque é gastar força nervosa em pura perda, e queimar o coração e o cerebro para alimentar o sonho sagrado, com a cega confiança do pobre Pallissy queimando os moveis para arrancar da fornalha em braza, o lucido esmalte de uma majolica. Este symbolo, todos os que trabalham no dominio das ideias o podem applicar a si proprios, porque é da tenacidade e, por vezes, do fanatismo, que irrompe, nitida, a verdade.

Virgilio Machado tem feito a sua obra apenas com os elementos que lhe são intimamente garantidos pela sua convicção: d'ahi a sua tranquilla serenidade e o seu legitimo successo. Porque não ver o riso, o desdem, fugir ao desalento, é vencer. Póde citar-se um exemplo. Em materia electrologica, bem tardia foi a gloria de Duchenne. Ouvi dizer a Charcot, que ao tempo do seu internato, quando o velho clinico passava, com a sua caixinha rudimentar, era um côro de piedosos risos na alta enfermaria. — «Lá vae aquelle com a caixa!» diziam. A caixa foi andando, crescendo, dominando, e afinal venceu: é hoje um mundo na therapeutica. A attental-o, a postuma consagração, que o remorso de uma nação grandiosa e nobre, nunca deixa de prestar os que trouxeram uma parcella de verdade á sua gloria collectiva.

Seria difficil, n'um jornal que não é de especialidade, fazer a historia da longa carreira do illustre clinico que dotou a therapeutica portugueza com um estabelecimento modêlo, e das successivas *étapes* do seu trabalho, e constante preoccupação do seu espirito. De resto isso está feito e para o expôr, bastava citarem-se as obras de Virgilio Machado, as suas monographias, quer em electro-physiologia, quer em radiologia, trabalhos transcriptos em revistas estrangeiras, onde lealmente se assignala a prioridade da sua apresentação, e a originalidade do seu ponto de vista.

São innumeros os seus trabalhos originaes nos laboratorios que precederam a installação definitiva do Instituto Medico, em urologia, electricidade medica e roentgologia,— trabalhos dispersos por mais de quarenta monographias, alguns insertos nas Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, outros nos *compte-rendus* da Academia das Sciencias de Paris, quasi todos citados e transcriptos em revistas e livros francezes, allemães e norte-americanos.

Não se supponha que o Instituto Medico de Virgilio Machado seja apenas uma phantasia bysantina em solo lusitano. A therapeutica pelos agentes physicos tem já uma historia nos centros da Europa onde a curiosidade é de todas as horas, e já se engalana com uma tradição curta mas intensa. O professor allemão Von Leyden, notabilidade berlineza de primeira plana, tem uma enfermaria na Konigliche Charité, onde os novos processos são applicados com notavel exito. Em toda a Allemanha, nos Estados Unidos, os sanatorios especiaes de physiotherapia surgem com o enthusiasmo de uma cruzada. Em Berlim, o prof. Ewald applica-o ao tratamento das doenças do estomago; a electrolyse é empregada na cirurgia pelo prof. Lasser, a alta frequencia, a electricidade geral, a electrogyneacologia, emfim, são instrumentos de cura entre as mãos dos mais afamados medicos europeus. A finsentherapia, ou phototherapia, (tratamento pela luz criada pelo prof. Finsen de Copenhague, tem hoje um emprego geral nos varios centros scientificos, e a confinança de notaveis experimentadores.

O novo Instituto de Virgilio Machado é na rua da Alfandega; um predio verde, nitido de linhas, claro e alegre. E' alli, em salas especiaes, cheias de tudo o que constitue a ultima palavra nos methodos de observação e experimentação na ordem das sciencias biologicas e medicas, que o nosso espirito sente quanto vale a confiança e o que póde o trabalho.

A' direita, uma sala ampla para a electricidade e radiologia (raios X); confinante a ella, a camara escura para a radioscopia; para o norte, as salas de espera, gabinete de consulta, tratamento de pobres. Em cima, no 1.º andar, gabinete de microscopia, espectroscopia, etc.; em seguida o laboratorio chimico, todo rebrilhante de esmaltes e polychromo de reagentes, mais além é a sala de operações, a sala de therapeutica pela luz, sala de banhos hydro-electricos.

A utilisação de cada uma d'estas salas, a significação e applicação de cada um d'estes apparelhos não cabe aqui: basta que o publico a visite,

com a respeitosa curiosidade de quem visita uma obra honesta, porque, para facilmente perceber o alcance e valor de todos esses elementos de diagnostico e tratamento medicos, não tem mais que ouvir a lúcida explicação do professor Virgilio Machado, que a todos recebe com a impeccavel correcção das suas maneiras.

João Barreira.

D. ALICE HULSENBOS

O nosso collega *O Zoophilo*, commemorando o 25.º anniversario da fundação da Sociedade Protectora dos Animaes do Porto, publica o retrato da sua illustre fundadora, acompanhando-o d'um artigo do sr. Alfredo H. da Silva em que se presta a devida honra ás qualidades e virtudes d'esta senhora, como uma verdadeira benemerita.

Associando-nos á manifestação do *Zoophilo*, transcrevemos o seu artigo, de que pedimos a devida venia.

«A caridade, como o talento, é a manifestação d'um genio. E nem eu sei que mais apreciar, se o talento, que descobre o Bem, se a caridade, que o pratica.

É por isto que D. Alice Hulsenbos é uma figura admiravel.

Obreira infatigavel do Bem, não desdenhou concorrer para o engrandecimento d'uma terra que não era a sua, e ahi introduzir um poderoso elemento de civilisação e de progresso, mesmo a despeito das maiores difficuldades, com que sempre é certo ter de encarar quem inicia qualquer obra generosa.

Nascida na Inglaterra, veio em creança para Lisboa na companhia de seus paes.

Vindo frequentemente ao Porto, impressionou-a a maneira deshumana como eram aqui tratados os animaes.

Coração terno e dotada d'um espirito pratico, quando depois veio aqui estabelecer residencia, pensou logo na fundação d'uma Sociedade Protectora dos Animaes, nos moldes da que pouco antes se fundára em Lisboa.

Ella foi a alma do movimento iniciador, mas, com uma intuição perfeita da verdadeira caridade, quiz dar um exemplo da mais estricta modestia, conservando-se quasi incognita. Todas as pessoas que collaboraram n'esse movimento são unanimes em declarar que D. Alice Hulsenbos foi a verdadeira fundadora da Sociedade do Porto, como depois foi o seu mais firme alicerce.

Dotada d'uma grande energia, ella tomou sobre os seus hombros a maior parte dos trabalhos da Sociedade, não a intimidando nenhumas difficuldades nem se poupando a nenhuns sacrificios. No cargo humilde de vogal da direcção, que exerceu emquanto permaneceu na cidade, ella era o motor que punha em movimento toda a machina social. A sua actividade estendia-se mesmo fóra dos limites da Sociedade, mas sempre no mesmo intuito. Foi ella que concorreu para o desenvolvimento do «Zoophilo» promovendo o seu augmento de formato e dirigindo mesmo por algum tempo, a sua publicação.

Entre muitas outras coisas que fez, iniciou tambem uma «Liga Compassiva da Infancia», que, no tempo, deu magnificos resultados.

Obrigada a ausentar-se para o estrangeiro, em parte para tratar da saude de seu pae, não se esqueceu ahi nunca, da obra que tanto tinha tomado a peito e de lá mesmo a amparava. Comtudo, por circumstâncias varias, a Sociedade cahiu n'um grande abatimento.

Principalmente por intermedio de sua dedicada amiga D. Helena Delaforce, a quem tinha chamado para a causa e em quem tinha encontrado uma tenaz continuadora da sua obra, pôde impedir que a Sociedade chegasse ao seu aniquilamento.

Felizmente em 1899, D. Alice Hulsenbos pôde visitar o Porto e tal impulso imprimiu á Sociedade que desde então entrou de novo em franca prosperidade. Concorreu principalmente para isso a offerta que fez de 36$000 réis annuaes, para serem distribuidos em premios, o que desde então tem sido feito regularmente. Isto, rodeado d'um conjuncto de circumstancias favoraveis, póde dizer-se o elemento propulsor da prosperidade de que gosa actualmente a Sociedade Protectora dos Animaes do Porto.

Quasi todos, todos os que appareceram como fundadores, e alguns mesmo que d'isso teem ainda hoje a fama, desertaram dentro de pouco, ou porque não tivessem a coragem de desprezar o ridiculo a que uma pequena parte da multidão ignara da cidade queria deitar tão prestimosa e civilisadora instituição, ou porque a sua caridade fosse fingida, D. Alice Hulsenbos foi perseverante e hoje, depois de 25 annos de protecção constante, está damonstrado que tudo o que essa benemerita fez foi, não para colher louros de gloria, mas unicamente no intuito de fazer o Bem e dar expansão á sua grandeza d'alma.

Entendeu-o assim a actual direcção da Sociedade do Porto e por isso mandou cunhar uma medalha commemorativa do 25.º anniversario da fundação da Sociedade, expressamente para offerecer a tão distincta benemerita no dia da passagem d'esse anniversario, a 30 de Maio corrente.

Estou certo de que estas ternas palavras de justiça, como aquella medalha de pequeno reconhecimento, lhe hão de ferir a sua modestia, mas chegou o tempo de render preito ao merito, para satisfação da nossa consciencia e para estimulo e despertamento de novas energias.

Porto, 20-5.º-903.

Alfredo H. da Silva.

AS NOSSAS GRAVURAS

COMPANHIA LYRICA DO COLYSEU DOS RECREIOS

Completando a nossa resenha da excellente Companhia lyrica que está actualmente funccionando no Colyseu das Portas de Santo Antão com geral applauso do publico damos hoje os retratos dos restantes artistas que são as snr.as Elisa Belli, Annita Izquiérdo, Soledad Menendez, e os srs. Fabri Boesmi, Cardinali, no «Othello», José Loriente, Luigi Ceccarelli e maestro Petri.

Vidé o nosso numero 876.

OS AMORES DE VIRGILIO

(LEWAL)

Se dissermos que em Pietola nenhuns vestigios existem da morada do poeta, não aventuramos juizos nossos. A culpa deve imputar-se mais aos homens do que ao tempo, porque este tem deixado chegar até nós construcções muito mais antigas. Não obstante a falta de vestigios, que se nota n'estes logares ácerca da morada do cysne de Mantua, a natureza menos descuidosa do que as gerações tem conservado fielmente, no longo perpassar de tantos annos, a mesma vegetação luxuriante, a mesma variedade de producções.

O Mincio, filho de Benaco [1], mostra ainda a sua corôa de verdes cannas; os salgueiros florescem sempre á borda de suas aguas; a faia com a sua densa folhagem continúa a offerecer ao cançado lavrador a sua benefica sombra; os grandes olmeiros servem de abrigo ás gementes rôlas; os campos apresentam a sua incessante fertilidade, e o solicito vinhateiro não esquece o uso d'armar no olmeiro a vide.

...ulmisque adjungere vites
(*Georg.*, liv. 1.º)

Nenhuma mudança a bem dizer se nota; ainda a mesma disposição e a mesma perspectiva. D'este modo, apesar da insufficiencia de indicios historicos, não é, ao presente, difficil reconhecer o patrimonio de Virgilio, tal como elle era, pouco mais ou menos, outr'ora.

Desejariamos todavia mais alguma coisa. Queriamos encontrar alguns vestigios da existencia do poeta, alguns objectos que elle mais estimava, mas já nada existe. Tudo o que podia falar d'elle, desappareceu; e, se pretendessemos prolongar as nossas investigações, teriamos de boa ou má vontade, de «retirar da agua a esponja não saturada da nossa curiosidade».

Trarsi dell'acqua non sazia la spugna

Mas não basta sómente percorrer a propriedade de Virgilio, e restabelecer os seus limites, é preciso fazer tambem reviver outras recordações mais preciosas e menos materiaes, relendo as obras do illustre poeta no proprio logar, onde elle escreveu uma parte d'ellas.

Enebriado pelo aroma activo das flores dos campos, sob um ceu scintillante, enlevado pela harmonia de seus versos, no meio d'esta rica natureza que os inspirou, a illusão invade a imaginação.

Fantasmas d'outra epoca veem animar esta campestre habitação; e como uma enganadora miragem apparece o cysne de Mantua ao seu admirador. E' elle que vem sentar-se á sombra protectora dos velhos salgueiros e adormecer ao zumbido das abelhas. Uma forma ligeira, uma sombra fugitiva volteja ao pé d'elle, e parece proteger-lhe o somno. E' a nayade do sinuoso Mincio que faz repetir ás suas cannas um ligeiro murmurio:

Calamisque flexuosus
Leve Mincius susurret

E' a nympha dos bosques, dos frescos retiros, é a rainha dos campos de Andes, é alfim aquella a quem Augusto chamava: *Magna Musa Maronis*.

Quem era essa mulher, que devia occupar um logar tão grande na existencia do cantor da Eneida?

A este respeito a tradição é muda. Regista o numero de pães que o imperador mandava dar todos os dias a Virgilio; e nada nos diz d'aquella por quem palpitava o coração do poeta.

Estranho esquecimento!

Todavia a historia tem-nos conservado felizmente a lembrança d'essas celebres hetairas de Athenas, de Thebas e de Corintho, que figuravam com o mais subido esplendor ao lado dos grandes homens da sua epoca. As estatuas de Phydias perpetuaram a memoria d'Aspasia, de Laís e de Phrynes. Os reis do Egypto levantaram uma das pyramides á belleza de Rhodopis, e Alexandre immortalisou Thaï incendiando a cidade de Persepolis para satisfazer um dos seus caprichos.

Oh! vergonha! Sabe-se por quantos talentos d'ouro aquellas celebres cortezãs vendiam seus favores, e ignora-se como se chamava a amante de Virgilio?

Fazer hoje reviver este nome é tarefa impossivel.

Teria sido jámais conhecido?

O poeta guardaria ou levaria para a sepultura o segredo do seu coração? E' impossivel, mas o que não poude occultar-nos, foi que obedeceu á influencia do formoso planeta, que aconselha a amar,

Lo bel pianeta che ad amar conforta
(*Purg.*, canto 1.º)

como disse Dante. A prova temol-a nós; — desde logo na elevada manifestação do seu estro poetico, e no testemunho eloquente dos seus versos.

A poesia não é uma combinação de sentimentos ficticios, um producto caprichoso da imaginação. E' a traducção das impressões porque passa o poeta, é a historia do seu coração. O que elle exprime por personagens imaginarios são os seus proprios sentimentos, as suas paixões, os seus transportes e as suas dores; e, quando a bôcca d'esses personagens se agita, é o poeta quem fala. Os seus versos não são mais do que uma successão de vibrações soffridas e reveladas por elle. Quando a corrente inspiradora desperta a sua sensibilidade, elle compõe, ou antes escreve, como o telegrapho eletrico, que imprime sob a influencia magnetica.

.... Quando
Amore spira, noto, ed a quel modo
Che detta dentro, vo significando.

«Quando o amor me inspira, eu noto, e o que me diz no interior faço o conhecer no exterior. —(Purgat)».

O poeta, como não é mais que o traductor dos seus proprios sentimentos, tem necessidade de uma cousa que o excite e impulsione. Esta influencia exterior, á qual obedece, é o que se chama a inspiração. Ella é indispensavel para fecundar a imaginação e dar largas ao genio.

O objectivo da arte é o ideal. As forças da creatura só de per si são insufficientes para o attingir. Aquelle que o pretende deve, por assim dizer, reforçar o seu espirito associando-o a um outro.

A união de duas intelligencias de sexo differente, permitta-se-nos esta methaphora scientifica, forma uma pilha espiritual, um par moral, assim como a reunião de dois metaes differentes constitue uma pilha: o elemento espiritual é o amor.

Graças a esta sobre excitação de suas faculdades, o inspirado eleva-se acima da materia, contempla regiões desconhecidas, e descobre o ideal, esse esplendido e supremo grau de perfeição. O que caracterisa o poeta é um espirito superior dotado de um grande poder de exaltação. Mas se

[1] Hoje — Lago de Garda.

INSTITUTO MEDICO VIRGILIO MACHADO — SALA DE OPERAÇÕES PELA GALVANOLYSE E GALVANOCAUSTICA, EM CIRURGIA GERAL E NA GYNECOLOGIA

D. ALICE HULSENBOS

FUNDADORA DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAES, DO PORTO

não se produz esta exaltação, se o coração não se inflamma, sob o imperio d'um sentimento amoroso, vivamente impressionado, o poeta faz versos, mas não poesia.

Logo não ha poeta sem amor.

«Amore e cor gentil sono una cosa,
Si com'il saggio in suo dittato pono;
E cosi senza d'un l'altro esser osa,
Com'alma razional senza ragione.»

Como o sabio disse. O amor e um nobre coração são uma só e a mesma coisa; e quando um ousa ir sem o outro, é como se a alma estivesse privada da razão.

Por isso todos os poetas inspirados tiveram uma Egeria.

Não ouvís na ponta do Sunium o murmurio das pallidas oliveiras, quando a viração as agita, repetir o nome de Lesbia? Em Florença, a mais suave, a mais immaterial das creaturas da terra, Beatriz, a muito nobre dama está acima de Dante. Junto da fonte borbulhante de Vauclusa pensa-se mais em Laura do que em Petrarcha. E se perguntardes ao mar de Sorrento, quem lhe fez ouvir os mais bellos cantos, que os tempos modernos teem produzido, suas ondas, menos harmoniosas que os versos do poeta, chorando na praia, vos responderão: Graziella.

Virgilio não podia esquivar-se a esta lei commum. Como todos os grandes poetas amou A sua organisação o arrastava para os gozos sensiveis. Pertencia á classe d'esses seres bastante numerosos, que não são bem equilibrados, moralmente fallando, magnificamente dotados, mas em prejuizo de suas qualidades physicas. Era alto e delgado, cabellos louros, olhos azues, a voz meiga e insinuante, physionomia lhana, o seu caracter timido, as maneiras um pouco acanhadas, mas, apesar de ser debil de corpo, possuia um coração enthusiasta e uma intelligencia lucida.

As naturezas d'esta especie, affectuosas por excellencia, são excessivamente propensas ao amor, em que a sua delicadeza lhe faz ver mais attractivos, embora affecte a sua compleição physica. Virgilio, dotado d'este temperamento e dominado por faculdades amorosas muito vivas, devia ter uma ardente tendencia para as mulheres. As suas obras o testificam.

Digam, se quizerem, que a sua intenção nos primeiros versos que fez, foi unicamente imitar Hesiodo ou Theocrito: é um juizo que se pode fazer, mas que o coração não acceita. Não, nunca Virgilio quiz pintar sentimentos ficticios, assim como não fingiu a saudade, quando na ecloga 5.ª pranteou a morte do irmão.

Não, Virgilio não imitou, nem d'isso carecia. Amou e cantou seus amores, como o rouxinol canta os seus, sem cuidar de imitar a pomba ou a toutinegra. Que Virgilio amou, não resta duvida; mas o seu amor foi real ou imaginario?

Este grande vulto seguia as doutrinas dos academicos, e preferia os preceitos de Platão a todos os outros. *Nam Platonis sententias omnibus aliis praetulit.* Esta doutrina, que elle acceitava sob o ponto de vista philosophico, applical-a-hia do mesmo modo ao amor?

Quando attendemos a que tinha por amigos Propercio, Gallo e Horacio, ha motivos para o duvidar.

Não se accredita, quando se lêem os versos, que escreveu com tanta paixão; e podemos affirmar que não foi durante toda a sua vida *«a virgem de Mantua»*, como lhe chamavam na sua adolescencia.

O amor platonico é com effeito esteril. Aquelle que pode dominar tranquillamente a sua paixão, abafa a fonte da inspiração. Por isso é que Platão só admittia o amor imaginario, e eleminava, por consequencia, da sua republica os poetas.

COMPANHIA DE OPERA LYRICA DO COLYSEU DOS RECREIOS

ELISA BELLI

SOLEDAD MENENDEZ

ANNITA IZQUIÊRDO

FABRI BOESMI

MAESTRO JOSÉ LORIENTE

LUIGI CECCARELLI

CARDINALI, NO «OTHELLO»

MAESTRO PETRI

A inspiração só pode provir de uma paixão energica. Ora esta é essencialmente tyrannica; não admitte raciocinios; o amor soffre-se, mas não se lhe dão preceitos; aliás não é amor o que se experimenta. E' um simples sentimento sem força, nem vigor; uma affeição placida, incolor, maleavel, uma chamma sem calor, uma flor sem perfume. O amor sentimental é a impotencia e a negação da arte. Uma affeição tão pouco exigente seria tudo menos uma excitação sufficiente para produzir grandes obras. As musas não se contentam com pacificas emoções no seu sacerdote; nem querem sobre seus altares um fogo coberto de cinzas; precisam d'um fogo ardente, d'onde possam saltar essas chammas scintillantes, que allumiam uma epoca.

Do mesmo modo que seus contemporaneos, Propercio ou Horacio, assim como os seus imitadores, Dante ou Petrarcha, Virgilio não teve a linha platonica do amor; sua paixão, se estava envolta no mysterio, era em virtude da modestia natural do seu caracter; mas, com quanto secreto, o seu amor não deixou por isso de ser muito e muito real.

Assim deve ser, é a conclusão do que fica exposto: assim foi, é o que procuramos demonstrar.

Partindo d'este principio, que as obras do poeta não são mais que uma successão de pinturas do estado do seu coração, é facil acompanhar as vicissitudes das suas affeições. N'essas poesias produzidas em tempos, e logares differentes, n'essas modulações diversas da lyra do poeta, procuremos a ordem erotica que deve classifical-as. Umas são o reflexo da situação da sua alma, outras só exprimem saudades ou uma lembrança. Ponhamos em seu logar cada uma das manifestações da paixão do escriptor, e elle proprio nos dará assim a historia de seus amores.

Virgilio nunca cantou a dama dos seus pensamentos, sob seu verdadeiro nome, designou-a sempre pelos pseudonymos de Nisa, Galatea, Phylis, Alexis, Amaryllés, Lycoris, Amyntas, etc. Nós adoptaremos o de Nisa que o poeta emprega no principio e no desfecho da sua paixão.

(Continúa) *Lino J. F. da Costa.*

GARRETT E A ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

(Conclusão)

«Cahiste pois tu, ó arco de Sant'Anna, como em nossos tristes e minguados dias, vae cahindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chimeras, e os veneraveis caractéres heraldicos de rei d'armas Portugal lingua morta, e esquecida que nossa ignorancia despreza, hieroplyphicos da terra dos Pharaós antes de descoberta a inscripção de Damieta! Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua já de si tam escura e mal enchuta, era preferivel á conservação d'aquelle momento em todos os sentidos respeitavel!

«Com que desapontamento deste meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei procurando, em vão! na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco? e a alampada que lhe ardia continua, e os milagres de cera que lhe pendiam á roda, e toda aquella associação de cousas, que me trazia á memoria os felizes dias de minha descuidada meninice!» (9)

O monumento gothico do Carmo, sob cujas abobadas, por mercê de bem entendido e abençoado decreto regio, a benemerita Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes logrou estabelecer a sua séde e os seus museus, deve-lhe phases de grande amor, que nesta occasião é altamente significativo relembrar.

Foi Garrett quem talvez primeiro advogou na opinião publica a idéa de se conceder o arruinado edificio do Carmo, á guarda zelosa dos archeologos portuguezes, dizendo, entre profusas e enthusiasticas phrases ácerca dos Jeronymos, o seguinte:

«Mais outro capitulo de accusação contra o nosso beduino thesouro. A egreja do Carmo, de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memoria do que é, mas tambem por ser um dos mais bellos typos do gothico puro (ou assim dito), aluga-se todos os annos por não sei quanto; e *aquellas reliquias que deviam ter sentinellas á vista para se lhes não tocar* arrendam-se, etc.» (10)

(9) *Arco de Sant'Anna*, pag. 1
(10) *Camões*, notas.

Não param ainda por aqui as relações intimas que prendem o nome de Garrett á historia da archeologia nacional. Não existia ainda no seu tempo a *Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*. Uma outra houve, porém, fundada em 1849, e digna antecessora d'esta. Quero referir-me á *Sociedade Archeologica Lusitana*, fundada por diligencias do fallecido antiquario, o conego Manuel da Gama Xaro e de varios setubalenses, sob a protecção de el-rei D. Fernando, com o fim principal de explorar as excavações nas ruinas romanas da antiga *Cetobriga*, hoje areias de Troia, em em frente da formosa e historica cidade Sadina.

Almeida Garrett foi socio desta prestimosa aggremiação scientifica, desastrosamente extincta em 1868, depois de ter prestado ao paiz e á sciencia os mais relevantes serviços.

*
* *

Importa ainda relembrar nas obras de Garrett, as que mais directamente se prendem com a feição que nelle estamos estudando, pelo que respeita á sua predilecção pelos estudos ethnographicos, pelo das tradições locaes, pela colheita das canções e trovas populares, tão caracteristicas e instructivas, e ai ida ao culto que professava pela arte, adoração e culto que poz em relevo no seu bello poema o *Retrato de Venus*, bem como na breve noticia sobre a *historia da pintura*, que o segue, a titulo de elucidação do poemeto.

Do gosto pelo estudo dos costumes, das tradições, das trovas e dos cantares do povo portuguez dão nos bemdemonstrativas provas innumeras passagens dos seus livros, que ocioso e prolixo seria citar, especialmente a narrativa da formosa lenda de Santa Iria, de Santarem, nas *Viagens na minha terra*, e mais de que tudo o *Romanceiro*, onde recolheu, ainda que por vezes com forma culta, os mais bellos romances populares de Portugal, constituindo um precioso repositorio, que serviu de inicio, ou ponto de partida ,aos estudos *folkloristicos*. Pode portanto considerar-se Garrett o verdadeiro iniciador das preciosas collecções, feitas no decurso do seculo findo, de todos os romances, lendas, modas, estribilhos, proverbios, cantigas, rimas e contos populares, mina riquissima sob o ponto de vista multiplice da linguagem, dos costumes e das tradições nacionaes.

Na *Historia da Pintura*, Garrett adverte que no que toca á pintura portugueza, julgou ser util á nação dando-lhe o que ella não tinha (como ainda hoje, mais de meio seculo decorrido, não tem) — a biographia critica dos seus pintores, e exprime o desejo vehemente de que entre os leitores, haja dois ao menos, em quem «faça impressão o amor das boas artes e da patria, que toda a obra respira.»

De facto este seu amor pela arte, por essa universal manifestação do genio do homem, emparceirava-se sempre indissoluvelmente com o amor patrio.

Leia-se a evocação á pintura nacional, de cuja nebulosa e mal conhecida historia elle sonhou, nos seus devaneios rapidos de artista, lançar os primeiros lineamentos. Depois, outros lidadores da penna viriam completar o esboço que Garrett traçou nas suas linhas geraes, com mão segura e arrojada. Garrett exclama:

Ah! volve os olhos immortaes, divinos,
Aos seculos remotos; vê no Tejo
Como entre as sombras da ignorancia gothica
Brilham nas trevas Lusitanas tintas;
Vê do gran Manuel na epocha d'ouro
Sobre as bellas irmãs como se eleva
A divinal pintura......................
....Como á porfia sobre o Tejo e Douro
Appelles mil e mil revivem, fulgem,
Brilha o Luso pincel.........

Tal foi, n'uma rapidissima synthese, a influencia enorme exercida por aquelle ingente litterato na historia e desenvolvimento da arte e da archeologia portuguezas!

A arte recebeu de Garrett o mais collossal impulso. A poesia appareceu em novos moldes, manejada com estro genial; a pintura recebeu do poeta uma consagração; Garrett ergueu-lhe um altar e iniciou-lhe o culto; sonhou traçar-lhe a trajectoria percorrida, e memorar os nomes mal conhecidos dos mestres a quem se devem tantos primores, pintados quer na taboa quer na tela, e esparsos pelas egrejas, mosteiros, capellas e palacios.

O theatro levantou-lhe um busto no atrio do seu edificio, o povo portuguez ergueu-lhe um templo no seu coração, os politicos conservam da sua correcta e elegantissima eloquencia parlamentar, memoria inolvidavel, os poetas e os homens de lettras aggremiaram-se, invocando para égide o seu nome glorioso, e levaram-o em triumpho para o pantheon, pelo qual tanto propugnou para os heroes da patria.

Devem tributar-lhe merecida palma, justo agradecimento, as sociedades archeologicas do paiz, porque Elle foi, de todo o seu coração, um apaixonado e ardente archeologo artista, poeta da arte e das tradições populares portuguezas.

3 de maio de 1903.

Victor Ribeiro.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 878)

E para ali se ficou Radnothy, sem saber ao certo se havia ou não repellido a pobre creatura.

Insensivelmente, sacou da algibeira a carta da cunhada, tornou a percorrê-la e rasgou-a em pedaços.

Se ella, se quer ao menos, lhe houvesse escripto duas regras! Isso sim! Isso mesmo delegou na tia! Se ao menos tivesse manifestado saudades pelo facto de se afastar de mim? ! Coisa nenhuma! Antes pelo contrario, ia alegre, e hontem, se verteu lagrimas, não foi por minha causa, foi por causa do namorado. Ainda se de manhã viera ter comigo, a dar-me um beijo, sem me accordar! Mas tambem não! Deu mas foi um bofetão na pobre enjeitada, por esta lhe ter recordado o seu dever... Serpente!...

— Não voltarei a pensar nella! Resta-me ainda um filho. E os filhos são sempre mais amigos dos paes. Tenho um filho, sim! e é impossivel que morra! impossivel!... impossivel!...

E de mãos postas, orou em longa e fervente prece. Nem dava pela presença do mordomo, que para ali estava, havia um quarto de hora, desejoso de falar-lhe.

Este, resolveu-se por fim a tomar a palavra, e sacou de um maço de contas, pedindo-lhe dinheiro,

— Mande-o pedir a minha cunhada, e remetta-lhe essas contas, que eu não pago coisa nenhuma. O meu dinheiro é-me preciso, tenho um filho infermo, tenho uma filha... Não pago, não, não, tres vezes não!...

Encolheu os hombros o mordomo e entrou a falar dos impostos, e que se os não pagasse até ao dia immediato, soffria uma penhora.

— Pois que me penhorem, tanto se me dá! Restituam-me os meus feudatarios, e então pagarei; emquanto o não fizerem, nem uma moeda de cobre! Pois que venham façam-me penhora, toquem os tambores a rebate, e procedam ao leilão. E o senhor mordomo fica incumbido de cobrir o lance a tudo, pagando com dinheiro na unha, que eu para esse fim lhe entregarei. Não estou tão pobre que lhe não possa provar que comigo ninguem leva a melhor a poder de desconsiderações e terrafias! Tambem isto é um pretexto, é a *vis inertiæ*. Sabe o que isto quer dizer? Não sabe, nem se faz mister; cumpra as ordens que lhe dei.

O mordomo desviou a conversa para assuntos de administração da propriedade, Radnothy, porém, não lhe dava ouvidos; e voltou a infronhar-se na habitual melancolia, e até á hora de jantar, permaneceu immovel e inerte sentado na poltrona. Ao jantar, engoliu uma colherada de sopa, e toda a tarde levou a indagar se porventura havia já regressado do correio o Estevam, e como lhe dissessem que não voltára ainda, respondeu:

— Elle virá, e não deixará de ser portador de boas novas.

Tornou a sentar-se na poltrona, encheu o cachimbo, queixando-se de que já se não fumava tão bom tabaco como algum dia; e ficou-se a olhar para a estrada, á espera de boas noticias, e entrementes, adormeceu e deixou cair da bôca o cachimbo.

Effectivamente, á tarde, estava de volta o Estevam e trazia uma carta. Accordou mui de mansinho o amo, e este, soffrego, deitou mão da carta levando muito tempo a abri-la. Leu-a e tornou-a a ler, por duas, trÊs, quatro vezes a seguir, e depois fitou os olhos em Estevam, sem proferir palavra.

Este, não se atreveu a perguntar, qual o conteudo da carta.

(11) Retrato de Venus, pg. 42

Neste comenos regressava o parroco da vizinha povoação e trazia-lhe, novas d'aquelle amigo, que ficara por fiador, delle, Radnothy.

Pedia aquelle noticias suas e accrescentava que os seus processos corriam mal; que se abstivesse de dirigir quaesquer cartas ou sollicitações á gente da justiça, visto como, em resultado das demasias contidas nos seus escriptos tão offensivos lhe tinham movido novo processo, processo que o amigo entregára juntamente com os primeiros a um advogado de sua confiança, e que este não poria demora em vir intender-se com elle; e até então, pedia lhe que fizesse constar que se achava infermo, pois de outro modo viriam no dia seguinte ou no immediato a prendê-lo; que fôra já expedida a respectiva ordem nesse sentido, tornando-se pois impossivel o alcançar-lhe a liberdade sob fiança.

Radnothy meneou a cabeça e não disse nada. Assustou-se estupefacto o eclesiastico, e Radnothy seguiu-o com a vista, reportando a depois sobre o Estevam, e nem palavra! E assim decorreu cerca de uma hora, e principiava a anoitecer. Ate que por fim se ergueu, e como se responder quizéra ao padre, exclamou:

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

DIARIO DE NOTICIAS

Sahiu no dia 14 do corrente o primeiro numero de 12 paginas, impresso na machina rotativa d'Augeburg, modernamente adquirida pela empreza d'este nosso collega, e que para Portugal representa um verdadeiro acontecimento jornalistico, por ser o primeiro jornal que se imprime com tão grande numero de paginas.

DR. ALFREDO DA CUNHA

Dando por este facto os nossos parabens ao actual director do *Diario de Noticias* sr. dr. Alfredo da Cunha, presta-lhe *O Occidente* uma homenagem merecida, porque é sem duvida á sua illustrada iniciativa, aos desejos de corresponder á sympathia publica que tem sempre acompanhado aquelle diario e ainda mais, ao anceio vehemente e justificado de não ver ficar na sombra a obra immorredoura do talentoso e benemerito jornalista Eduardo Coelho, que o *Diario de Noticias* deve a transformação porque acaba de passar, e que, collocando-o na vanguarda das publicações que temos d'aquelle genero lhe dá logar incontestavel entre os primeiros jornaes da Europa.

Com o augmento de paginas coincidiu o augmento das secções do jornal, estando a sua collaboração assim distribuida: Chronicas do Estrangeiro: de Madrid, D. Alice Pestana (Caiel); de Paris, Silva Lisboa; de Londres, Adrien Geoffroy; de Berlim, C. Singleman.

Chronicas do paiz: do Porto, João Grave; de Coimbra, dr. Manuel da Silva Gayo.

As chronicas de Lisboa estão a cargo; Agricola, D. Luiz de Castro; artistica, Oliveira Ramos; colonias, Augusto Ribeiro; costumes, L. Mano; financeira, Manuel Emygdio da Silva; litteraria, dr. Candido de Figueiredo; maritima, Pedro Diniz; militar, major Fernando Maya; modas, mademoiselle Sybil; musical, Julio Neuparth; politica, internacional, Zeno; scientifica, dr. Bettencourt Ferreira.

O numero a que nos referimos enceta a publicação de dois novos folhetins: *O Lobo da Madragôa* por Alberto Pimentel; e *O Roxinol dos Alamos* por Luiz Trigueiros. A primeira pagina insere os retratos dos dois fundadores Eduardo Coelho e o Conde de S. Marçal; e a segunda os de Brito Aranha, Camillo Marianno Froes, Julio Cezar Machado, e Luiz Herculano Cezar o zeloso e infatigavel gerente da Typographia Universal.

O artigo editorial d'este numero é todo consagrado á fundação do *Diario de Noticias* e brilhantemente escripto pelo seu director.

NECROLOGIA

ERNESTO VICTOR WAGNER

Com 77 annos de idade falleceu no dia 1 do corrente este illustre artista e antigo professor do conservatorio, que Lisboa inteira conhecia, e cuja figura se impunha não só pela sua grande respeitabilidade, como pelos vastos conhecimentos da divina arte da musica, que elle mostrava possuir, quer ensinando na aula, quer construindo na officina os instrumentos de forma que melhores e maiores effeitos se podessem tirar na execução.

Victor Wagner nasceu aos 16 de março de 1826, em Zenlenroda, principado de Reuss Greiz, (Allemanha), e, dedicando-se á musica aprendeu conjunctamente o officio de marceneiro, que depois o habilitou a trabalhar na construcção de pianos.

Aos 14 annos deixou a casa dos paes para emprehender uma longa viagem, chegando a Portugal em 1845, onde se alistou nos batalhões nacionaes, quando em 1846 se deu a revolta da Maria da Fonte.

Em 1849 associou-se com o fabricante de pianos Carlos Habel, e, com esse industrial, montou uma fabrica d'aquelles instrumentos, que depois passou a ser sua propriedade, e que ainda conservava na R. da Trindade á data da sua morte.

Quando em 1851 houve uma exposição na sala do risco do Arsenal da Marinha, Habel e Wagner apresentaram ali dois pianos de tão perfeito e correcto acabamento, que um d'elles foi logo adquirido pela Senhora D. Maria II.

Habilissimo tocador de trompa e conhecendo a fundo os segredos da construcção de todos os instrumentos de metal, rapidamente foram entre nós divulgados os seus meritos, sendo em 1849 nomeado musico da camara da mesma augusta senhora, e em agosto de 1861, depois de um brilhantissimo concurso, preferido para o logar de professor do conservatorio, logar que exerceu com a maior proficiencia durante mais de quarenta annos.

No numero dos seus discipulos contam-se professores notaveis como Thomaz Del-Negro, Talassi, Francisco Alvarenga, Flavio Costa, Antonio Baptista, Sedrim, J. Sargedas, J. Santos, João Fernandes, esse distincto cornetinista que por tantos annos deu fama á banda da guarda municipal, e seus filhos Eduardo e Victor Wagner.

O seguinte detalhe sobre a sua carreira artistica que encontrámos n'uma «Chronica Musical» do *Economista*, de 16 de junho, de 1892, dão-nos a medida da sua força de vontade, que foi sempre um dos grandes caracteriscos do notavel artista.

Ernesto Wagner, pouco depois da sua chegada a Lisboa, começou a frequentar, com assiduidade, a casa de Neuparth, avô do nosso bom amigo sr. Julio Neuparth, casando depois com uma das filhas d'aquelle artista.

Encontrou-se ali com Bellonci, que era primeiro trompa da musica da camara do imperador d'Austria e que tinha vindo fixar a sua residencia em Lisboa por algum tempo afim de administrar os bens da viuva de um nosso embaixador em Vienna d'Austria, e que lhe pediu para ir a sua casa ver se poderia concertar um piano. Wagner foi, e Bellonci sabendo que elle tocava trompa pediu-lhe para experimentar dois d'aquelles instrumentos que se achavam na sala do piano. Wagner accedeu, rogando em seguida a Bellonci que executasse tambem qualquer peça.

O eximio professor não se fez rogado e a sua execução foi de tal maneira assombrosa que deixou Wagner maravilhado.

Uma manhã, muito cedo, passando Ernesto Wagner pela casa onde morava Bellonci (Rua Nova do Carvalho) ouviu-o estudar, e no dia seguinte dando-se o mesmo caso, Wagner subiu a escada para onde dava a porta da sala onde Bellonci se encontrava, e encostando-se a ella ali esteve durante muito tempo. No decurso de quatro semanas consecutivas, Wagner serviu-se d'este expediente, até que uma das vezes foi surprehendido por um dos sobrinhos de Bellonci, que morava com elle, ao qual pediu que guardasse segredo.

Passádo aquelle tempo Wagner voltou a casa de Bellonci, por este o haver chamado para afinar um piano, e tendo instado para novamente tocar alguma coisa na trompa, Wagner accedeu, executando com a maior pericia um thema e variações, que da escada ouvira estudar a Bellonci.

Era este thema um dos motivos mais favoritos do professor austriaco, que ficou perplexo e admiradissimo, sem saber como Wagner o havia alcançado, pois nunca tinha sido publicada aquella peça, nem tão pouco Bellonci a havia emprestado a pessoa alguma,

Com a intervenção do sobrinho tudo se esclareceu, e, Bellonci reconhecendo em Ernesto Wagner tanta força de vontade, perseverança e desejo de aprender, promptificou-se a leccional-o, até ao momento da sua partida para a Italia.

. . . .

Descendente de uma familia de musicos Ernesto Wagner tornou-se chefe de outra familia de artistas dos mais illustres, pois não só sua filha Virginia foi uma notavel pianista, como seus filhos Eduardo e Victor alcançaram logares distinctos no nosso meio musical como afamados concertistas que eram.

Na sua faina de constructor e adaptador de instrumentos antigos, Wagner produziu notaveis milagres de arte. No seu *atelier*, que era o seu santuario, elle estudava, analysava, desmanchava, reconstruia os instrumentos antigos que adquiria, e por tal forma elles sahiam perfeitos das suas mãos que os amadores mais distinctos e os professores mais considerados lhes disputavam a posse, cabendo a El-Rei D. Luiz dois soberbos violoncellos e outros varios instrumentos aos srs. Marques Pinto, Visconde de Charruada, Guerschey, Sauvinet, etc.

Wagner foi tambem um dilecto propagandista da musica classica, preferencia que elle advogava com todo o ardor da sua grande alma de artista.

Não ha em Portugal amador que não conheça os trabalhos de Wagner pela sua perfeição e acabamento, sendo ainda hoje citado como um requinte da notavel intuição artistica que o distinguia, restauração d'um contrabaixo de Stradivarius, que indo para as suas mãos n'um estado lastimoso elle reconstruiu com tal perfeição, que foi um verdadeiro assombro para os entendidos.

* * *

A' extrema amabilidade de seus filhos, srs. Victor e Leopoldo Wagner, devemos o poder dar a reproducção do bello quadro da Ex.ma Sr.ª D. Laura Sauvinet Bandeira, gentileza que muito agradecemos.

LUIZ DA SILVA

Ha muito que a vida d'este rapaz era uma lucta com a morte, dia a dia vencendo-o n'uma pertinaz doença pulmonar, que, em differentes ataques, o punham á beira do tumulo.

Conhecemol-o ainda aspirante dos correios, onde por ventura teria conquistado um logar de futuro mais prospero pelos seus bellos dotes intellectuaes, se a vocação não o tivesse chamado para as letras, em que, apezar de toda a sua boa vontade e aptidões excepcionaes, não passou da meia luz d'uma carreira modesta.

O primeiro livro que elle deu á publicidade foi um pequeno volume de versos, *As Nebulosas*, premiado pela Academia Montreal de Toulouse, onde affirmou as suas qualidades de poeta, e que mereceu as melhores referencias da critica, incentivo para commettimentos de maior arrojo.

Correndo atraz do seu ideal, Luiz da Silva abandonou o funccionalismo e deitou-se a collaborar em varios jornaes, mostrando, não só, uma bella orientação jornalistica, mas uma grande disposição para o trabalho.

Pedro Correia, esse grande caracter tão amigo

ERNESTO VICTOR WAGNER

FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

(Copia de um quadro da ex.ma sr.a D. Laura Sauvinet Bandeira)

de auxiliar os que entravam ainda mal seguros na carreira das letras, e cuja obra litteraria ahi está disseminada em centenas de livros que editou, primeiro na *Bibliotheca dos Dois Mundos* e depois na *Bibliotheca Economica*, não falando no *Diario Illustrado* que elle creou, fazendo-o digno da sympathia publica, tornando o jornal favorito da grande roda, acceitou os serviços de Luiz da Silva que foi o traductor de muitas das suas edições.

Conhecedor das linguas franceza e ingleza, Luiz da Silva publicou diversas traducções de romances na *Bibliotheca Economica* lembramdo-nos para citar os seguintes.

«A Galderia», «Dois Garotos», «Mulher do realejo», «Margarida de Borgonha», «Bandeira Vermelha», «Noite Maldita», «Bernardo o assassino», «Garotos de Paris», «Dramas de Bigamia», «Cavalleiros do nevoeiro», «Mulher de Cera», Segredo do medico».

Na «Galeria dos Criminosos Celebres», collaborou proficientemente, e na interessante revista «Gabinete dos Reporters», que elle iniciou, foi sempre o seu principal collaborador, como o era na *Chronica*, essa outra revista litteratia por elle fundada, que lhe ajudou a grangear os meios da subsistencia quasi até á sua hora extrema, estando ainda dias antes de morrer a por em ordem a collaboração que devia preencher o numero que sahiu após a sua morte.

Collaborou nos jornaes *A Tarde*, *Vida Nova*, *Futuro*, *Globo*, *Vanguarda*, e *Chacota*, n'este ultimo sob o pseudonymo de *Tosquiador*.

Emquanto poude fez tambem serviço de reportagem para o *Jornal do Commercio*, *Correio da Noite* e *Popular*.

Auxiliou, como socio fundador, a creação da Associação de Imprensa, d'essa bella instituição consagrada a prestar auxilio na doença e na invalidez aos seus associados, de que elle poude ainda sentir os effeitos proveitosos nas amarguras e difficuldades da doença.

Luiz da Silva morreu no dia 29 de Abril, findo, tendo apenas 39 annos de idade, e deixando viuva e uma filhinha de 8 annos.

Era sobrinho do sr. general de divisão Francisco Antonio de Lima.

Muitos amigos e companheiros de trabalho, acompanharam o mallogrado e desditoso rapaz á derradeira morada, prestando-lhe assim a sua sincera homenagem de sympathia e saudade.

LUIZ DA SILVA

FALLECIDO EM 29 DE ABRIL DE 1902